

NUMERO VI

BALANÇO

CORTES

INTEGRALMENTE CORTADA

A RESPOSTA - de M. S. LOURENÇO

COM CORTES (aprovado)

RESPOSTAS &

JOÃO RUI DE SOUSA

STTAU MONTEIRO

SANTARENO

MANUEL DE OLIVEIRA



dum certo público mais consciente que, embora em minoria, sabe no entanto já reagir certo diante do espectáculo de teatro. Vejamos alguns dados concretos: nestes últimos anos, Ribeirinho encenou o *À Espera de Godot*, Amélia Rey Colaço representou *A Visita da Velha Senhora* (tanto um como outro destes espectáculos foram êxitos mesmo de público), António Pedro deu-nos *As Guerras de Alecrim e Mangerona* (entre outras boas encenações), Paulo Renato encenou muitíssimo bem *O Dia Seguinte de Rebello*; surgiram actores como Maria Barroso, Carmen Dolores Eunice, Mariana Rey Monteiro, Fernando Gusmão (que estu-
pendo, inteligente e moderníssimo actor!), Rui de Carvalho, Rogério Paulo e outros; revelaram-se escritores de teatro como Rebello, Costa Ferreira, Stau Monteiro, Romeu Correia, Augusto Sobral, Tiama Hasse Brandão e outros. É claro, tudo isto no meio de muita velharia, de muita esclerose senil, despistáveis sobretudo na escolha dos reportórios, no estilo das encenações e na técnica das representações. Infelizmente, este continua a ser o «prato de substância» dos nossos teatros. Porquê? Porque o público, doutro modo, não vai lá. Dizem. Mas quem é o público que vai ao teatro, aqui em Portugal? Apenas os que podem pagar os bilhetes. E estes são os da classe burguesa, sobretudo os velhos espectadores viciados por formas impuras de teatro, nas quais se fixaram nos tempos juvenis. Realmente este público não interessa ao teatro; interessa apenas às bilheteiras. Então que espectadores convém chamar? Os jovens. Os estudantes que, quando lhe dão bons espectáculos, modernos, ao nível dos mais centros culturais, não falta... desde que o preço dos lugares seja acessível. Não falta... às vezes. Mas, a estes, temos a obrigação — e tem esta obrigação sobretudo o Estado — de os teatralizar, de os educar, de os ganhar para o teatro. E o Povo. O nosso povo, tão instintivo e sensível, que está praticamente virgem de teatro. É certo que, em Lisboa, a Câmara Municipal lhes proporciona, ultimamente, durante os meses de Verão, espectáculos de teatro gratuitos. Mas que espectáculos? Peças velhas, sedições, farsas de cordelinhos ridiculamente burguesas, dramas de faca e alquidar... Isto é precisamente o contrário do que há a fazer: o Povo tem de ser educado nas novas formas estéticas, com peças actuais, modernas na estética e na temática. Pode-se ser simples e ter nível artístico, simultaneamente: Bertold Brecht pode ser entendido por todos os públicos, mesmo pelos mais rudes.

A proibição feita à representação dos textos dramáticos tem sido um dos maiores elementos inibitórios para o progresso do teatro em Portugal. Há que revê-la, há que humanizá-la urgentemente, ao nível da cultura autêntica. Não se avaliam obras de arte com base em medidas feitas a fita métrica! Esta proibição e também os problemas económico-sociais do povo. Difícil, como se vê. Mas há que tentar: tentar com bom senso, com cultura, com inteligência e generosidade.

BERNARDO SANTARENO

SERVÍCIO DE CENSURA
AUTORIZADO
(SEDE)
COM PARTES



1. Sabemos que o cinema se contém em múltiplos aspectos e que seria difícil apanhá-lo numa só fórmula. Porém, de um ponto de vista puramente artístico aceito-o, segundo o pensamento de Henri Agel, como sendo essencialmente veículo de lirismo.

2. O cinema poderá ser utilizado (tem sido tantas vezes) como um meio poderoso de divulgação na «Batalha das Ideias» ou na reforma de estruturas. Não é, quanto a mim, a sua vocação.

O específico do cinema estará na base de sua raiz documental não obstante as suas extraordinárias aptidões de magia.

Como documental deixará precioso testemunho duma época, meio ou lugar. (Dos filmes de actualidades têm sido recolhidos elementos para reconstituir verdadeiros trechos históricos). Como ficção, o testemunho do homem em todas as suas implicações.

Mas se pela natureza documental do cinema se tende a forçar o documento, pode-se comprometer o testemunho.

3 e 4. Penso que, como expressão, tem de ser livre. A sua natureza artística justificará por si o direito a essa liberdade. ~~Repressões ao pensamento artístico atrofiam a expressão.~~

Certas representações sem um elevado sentido artístico podem tornar-se grosseiras, tendenciosas e inúteis ou até indesejáveis.

O regulador moral estaria no próprio meio e na consciência do artista. Do equilíbrio entre ambos se alcançaria a justa medida.

Manuel de Oliveira

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE



Em 1926 escreveu Musil um artigo a que deu o título São os escritores que não sabem escrever ou os leitores que não sabem ler? E já nessa altura se disse o que havia a dizer.

O inquérito do Tempo e o Modo, em 1963, se não fosse o endurecimento crónico das taras analfabéticas (e outras) do País, seria para lançar qualquer escrito rno desespero. Mas somos assim em 1963.

Não duvido da paixão política que anima algumas pessoas que aqui vivem; não duvido da generosidade que põem nos seus actos. E concebo até que gostem, que desejariam ver-me a mim e a outros, apoiando-os com a força da poesia.

Mas há no castelo vários habitantes. Há aqueles que vão ajudar a apagar o fogo, há os que procuram que o fogo nunca se apague e há os aparentemente desatentos. Estes sofrem com um desespero calado e sabem que Ele, o Rei, tem outros poderes. Não há razão alguma para acreditar que isto melhore, com ou sem literatura de agora, com ou sem revoluções.

É natural que pareça que falo como qualquer fascista. Mas os que me conhecem sabem que não é assim. Ainda penso que ser fascista é uma deficiência no carácter, como roubar ou mentir. E por isso fascismo e literatura são coisas diferentes. Pode-se ser um bom escritor e um homem medíocre. É o que acontece com os escritores de quem gosto.

Mas os ideais políticos que me propõem os escritores de quem não gosto ou os zelosos reformadores deste país parecem ser aquilo a que Ryle chamou o topic-neutral, o supremo e irrealizável sonho do abusdo.

Não vejo motivos para se ter esperança nas coisas políticas. Não sei se haverá um dia governos diferentes. Sei que ainda não houve e não posso acreditar que o haja alguma vez.

É por isso não acreditar no fascismo é uma alternativa proposta aos poucos homens lúcidos que ainda queiram uma forma nova de pessimismo trágico: não há nada a esperar mas rejeitemos desde já a pior hipótese.

É assim que falo aos aparentemente desatentos.

M. S. Lourenço

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

1

10



facto de se pôr esta segunda questão, como se ela derivasse da primeira, revela que continuamos a debater-nos sem conhecimento de causa. Talvez seja útil, aqui, até porque estas palavras se não destinam a profissionais do teatro, esclarecem que:

1.º A distanciação não leva necessariamente o público a não se identificar com as personagens em cena — pode, até, concorrer para essa identificação.

2.º O problema não tem nada a ver com o maior ou menor sentido crítico dos espectadores no sentido corrente — o da crítica teatral — da palavra.

3.º Distanciação e aproximação — duas técnicas ou processos de aumentar a eficiência da comunicação teatral, duas técnicas que estão na base da própria concepção de teatro dos nossos dias.

Por mim, inclino-me cada vez mais para a distanciação, mas desejo afirmar que não atingi, ainda, — e espero nunca o atingar — uma certeza dogmática que me permita afirmar que eu — e só eu — tenho razão.

3. Não creio que o dilema seja posto. O teatro não tem de optar entre a inutilidade social (e o que é se não isso a «expressão da realidade interior do dramaturgo»...) e a função didáctica que a pergunta apresenta como alternativa. O teatro é uma arte e, até por isso, não pretende necessariamente ensinar, senão no sentido em que toda a arte o faz — mas tem de valorizar a realidade exterior, tem de assentar na experiência exterior. Só assim existirá. Tudo o resto — e lá estou a ser dogmático! — é inexistente do ponto de vista da arte viva que o teatro é. Não vejo que tentar resolver os problemas mais urgentes da ambiência política e social do dramaturgo — ou do seu tempo — o leve a perder a sua liberdade, mas também não creio que o dramaturgo tenha de tentar resolver esses problemas que serão bem melhor resolvidos por técnicos especializados.

~~A minha fé no homem leva-me a crer que a simples expressão da realidade é, em todos os tempos, um apelo à revolução. É esse o campo do dramaturgo e julgo que lhe atribuo, assim, um papel relevante em todas as sociedades: pondo o homem perante o homem, leva o homem a compreender-se a si mesmo e a compreender que sem revolução não pode subsistir como homem.~~

4. O teatro — pelo menos assim o creio — não está sociologicamente ultrapassado. As estatísticas mostram, até, que estão a abrir teatros novos e a fechar cinemas em todo o mundo... Basta olhar para o esforço desenvolvido pelos novos países africanos no campo do teatro, e para o que se

2

SERVÍCIOS DE CENSURA
AUTORIZADO
(SÍDEB)
COM
CONTES



passa neste momento no mundo, para se ver que o teatro está no limiar dum rejuvenescimento extraordinário. Creio, até, que à medida que for desaparecendo a influência francesa que herdámos dos nossos pais, o teatro, entre nós, acabará por perder a futilidade que o caracteriza e passará a fazer parte integrante da nossa vida. É claro que o problema do teatro português não é apenas este — que é, até, consequência de outros... — mas não julgo possível analisar o teatro em Portugal no momento presente com objectividade.

5. O surto de produção dramática que se verifica actualmente revela o interesse crescente que as novas gerações vão tendo pelo teatro.

Julgo que corresponde à realidade portuguesa no sentido em que revela o espírito ~~de resistência~~ que dia a dia se vai tornando mais notório e que exprime o nosso desejo de viver — isto é: de tomar consciência da vida e de tomar parte activa na resolução dos nossos próprios problemas.

As limitações do meio ~~(eu disse: «limitações» — não disse: «limitações naturais»)~~ poderão afectar a teatralidade do nosso teatro, poderão concorrer para que seja literário, para que imite inutilmente correntes ou escolas já ultrapassadas ou, pelo menos, datadas, mas não conseguem destruir-lhe a sua «existência». Essa «existência» é tão obviamente importante que reputo inútil referir-me novamente a ela. Não posso afirmar que o nosso teatro escrito venha a conquistar, amanhã, os palcos. Admito que o não faça por estar afastado da realidade — uma grande parte deste novo teatro representa uma «tentativa de modernidade» e isso condena-o, já que o moderno é aquilo que representa a realidade contemporânea e não uma habilidosa «tentativa de modernidade». Também creio que amanhã ninguém terá tempo nem paciência para «habilidades habilidosas». Por outro lado julgo que muito do teatro que hoje se faz não interessaria o público se fosse posto em cena — não o interessaria hoje, quanto mais amanhã...

Ainda que esta minha convicção não agrade a muitos, o País ultrapassou-nos. Está farto de gracinhas copiadas de livrinhos estrangeiros (estrangeiros em todos os sentidos). Se fôssemos mais vezes ao estrangeiro, veríamos que nem sequer copiamos o que nos valeria a pena copiar. Caiamos na imitação do habilidoso que mesmo lá não convence ninguém... O País começa a perceber muita coisa... É possível, todavia, que tenhamos a possibilidade de «descer à terra» a tempo de não ficarmos irremediavelmente para trás. Não o sei. De qualquer forma, e ainda que fique pelas estantes, este nosso teatro de hoje servirá de ponte para o teatro que tem de vir e que ficará.

Luís de Sttau Monteiro

3

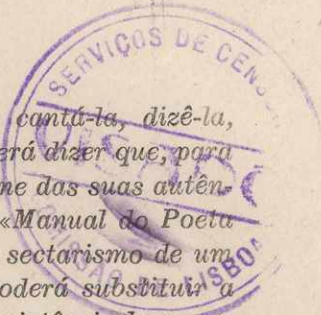
SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
COM

H

1. Será o situar-se, autênticamente, na Cidade: cantá-la, dizê-la, exprimi-la em verdade, isto é, em totalidade. Escusado será dizer que, para o efeito, terá de conhecê-la, terá de caminhar até ao cerne das suas autênticas alegrias, das suas autênticas lágrimas. Nenhum «Manual do Poeta da Cidade» — desses que a estreiteza, a suficiência e o sectarismo de um ou outro «teórico» procuram, à viva força, impor — poderá substituir a vivência autêntica ou o aprofundado conhecimento da existência humana, em seus múltiplos e por vezes imprevisíveis cambiantes. Da solidão de cada um ao pulsar solidário de todos, a Cidade é um corpo inteiro e vivo, que o verdadeiro poeta entende em todo o seu dinamismo e pujança. Perante a realidade total, a visão do poeta não poderá deixar de ser total. Perante a totalidade do universo concreto em que vive, o poeta não poderá deixar de repudiar todo o dogmatismo que vise a simplificação abusiva, a abstracção, o isolar arbitrariamente esta ou aquela parcela do real.

Nenhum verdadeiro poeta deixará de ter perante a Cidade e o seu todo uma óptica agudamente crítica. Há-de vibrar-lhe sempre um incontível impulso: o de não apenas ver mas de transformar. Nunca ele deixará de denunciar o mal e de afirmar o bem. Se tem, acaso, uma visão dialéctica do devir histórico, nunca aceitará que a dialéctica pare onde muito bem o entende o comodismo mental ou a conveniência teórica deste ou daquele. Nunca deixará de acusar, tanto aqui e agora como em toda a parte e sempre, os vícios da sociedade, as suas alienações. Terá sempre a coragem da esperança, da generosidade, da fraternidade. Será uma força actucnte, uma presença moral.

2. Penso que sim. Toda a orientação exterior limita a expressão do poeta, de todo o artista. Toda a direcção exterior implica a restrição à sua disponibilidade criadora. Claro que alguns há impossibilitados de concordar com a tese. Não tendo um mínimo de compreensão para o que significa o fenómeno artístico, para o que se passa ali, no próprio instante em que a obra se gera, e não tendo em conta se não a maior ou menor utilidade dessa obra para a sua perspectiva sectária, nunca poderão verdadeiramente entender o que significa a palavra liberdade. Eles vêem-se em vários quadrantes. Nalguns casos — quando os domina a volúpia de se apreciarem «duros», «intransigentes», muito zelosos da lei em vigor ou que pretenderiam vigorasse — vão ao ponto, servindo-se do prestígio de certos conceitos e do desprestígio de outros, de argumentar com o terror moral e intelectual contra os que evocam essa liberdade. Esses — afinal não muito longe de uma raça que, através dos tempos e sob os mais variados pretextos, ilustrou com a cicuta, com a fogueira e com os com-



Serviços de Censura
(S. C. E. C.)
AUTORIZADO
COM. GOR

pos de concentração o seu critério de disciplina e de arregimentação espiritual — nunca poderão aderir a este ponto de vista. Mas a verdade, suponho, aí está: nunca o verdadeiro artista poderá aceitar que se risque, em definitivo, do vocabulário dos homens as palavras liberdade e dignidade. E afirmá-lo-á tanto mais quanto mais se sentir fiel à humanidade a que pertence, quanto mais consciente das alienações económicas, sociais e espirituais a superior, quanto mais profunda e sincera e generosa for a sua aspiração. Nenhuma chantagem — a razão de urgência é uma delas — justificará a sua demissão. Nenhum dissabor poderá justificar o cepticismo. E tudo, ou quase tudo, lhe justificará a esperança.

3. Fazendo o possível por ultrapassar a alguma ambiguidade que a pergunta envolve — ou o problema da significação de certas palavras — julgo que estamos, de certo modo, perante um desdobramento da pergunta anterior. Possui interesse social a poesia que, sem limitação de temas, cante o homem? Mas, com certeza. Direi mesmo: eis a poesia com mais interesse. A humanidade exige que o poeta repercuta toda a realidade: desde o mais íntimo do ser pessoal até às mais generosas aspirações colectivas. Reaccionários da cultura são todos aqueles que, reaccionários ou progressistas noutros planos, oponham ao artista qualquer restrição de ordem temática ou, o que dá no mesmo, lhe queiram impor quaisquer directrizes. Arte é incompatível com burocracia, fiscalização, mesquinhez, unilateralidade. É precisamente por essa incompatibilidade que a arte interessa ao homem, a cada homem, a todos os homens. É pela sua vocação de rebeldia, pelo seu inconformismo perante a cristalização e o desumano — seja sob que forma esse desumano se apresente — que a humanidade a admira, vê nela um apoio, precisa dela. É só na medida em que arte, a seu modo particular de detectar e exprimir o real, é capaz de nada omitir desse real, de nunca pactuar com a mentira, com o silêncio, com a injustiça, que ela pode ter verdadeira validade humanística. Tudo o que assim não seja é moeda falsa, mistificação. E não há confucionismo verbal, abuso de autoridade ou demagogismo que salve ou esconda essa realidade.

Devem estar abertos à expressão artística todos os problemas reais dos homens reais, todos os acordes que a existência revele, toda a dor e revolta e alegria e amor e angústia que se descubra. Só a compreensão do humano, em todas as suas dimensões, pode afirmar o homem total.

Só a afirmação de todos os seus conteúdos pode levar à sua efectiva libertação.

João Rui de Sousa



2
SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
GOK

A

*Este artigo está
autorizado com corte
atenção aos exercentes*



1. Será o situar-se, autenticamente, na Cidade: cantá-la, dizê-la, exprimi-la em verdade, isto é, em totalidade. Escusado será dizer que, para o efeito, terá de conhecê-la, terá de caminhar até ao cerne das suas autênticas alegrias, das suas autênticas lágrimas. Nenhum «Manual do Poeta da Cidade» — desses que a estreiteza, a suficiência e o sectarismo de um ou outro «teórico» procuram, à viva força, impor — poderá substituir a vivência autêntica ou o aprofundado conhecimento da existência humana, em seus múltiplos e por vezes imprevisíveis cambiantes. Da solidão de cada um ao pulsar solidário de todos, a Cidade é um corpo inteiro e vivo, que o verdadeiro poeta entende em todo o seu dinamismo e pujança. Perante a realidade total, a visão do poeta não poderá deixar de ser total. Perante a totalidade do universo concreto em que vive, o poeta não poderá deixar de repudiar todo o dogmatismo que vise a simplificação abusiva, a abstracção, o isolar arbitrariamente esta ou aquela parcela de real.

Nenhum verdadeiro poeta deixará de ter perante a Cidade e o seu todo uma óptica agudamente crítica. Há-de vibrar-lhe sempre um incontível impulso: o de não apenas ver mas de transformar. Nunca ele deixará de denunciar o mal e de afirmar o bem. Se tem, acaso, uma visão dialéctica do devir histórico, nunca aceitará que a dialéctica pare onde muito bem o entende o comodismo mental ou a conveniência teórica deste ou daquele. Nunca deixará de acusar, tanto aqui e agora como em toda a parte e sempre, os vícios da sociedade, as suas alienações. Terá sempre a coragem da esperança, da generosidade, da fraternidade. Será uma força actuante, uma presença moral.

2. Tomando a pergunta rigorosamente à letra e recusando os eufemismos e as distorções com que seria fácil iludi-la, só tenho uma resposta: penso que sim. Toda a orientação exterior limita a expressão do poeta (e quem diz poeta, diz qualquer artista), toda a direcção exterior implica restrição à sua expressão criadora. Não se segue, é evidente, que o artista, para o ser com inteira validade, não possa sentir-se intelectualmente ligado a uma ideologia. Muitos artistas, e alguns dos maiores, são-no paralelamente a uma alta consciência ideológica, quando não em nome dessa consciência. Mas fala-se em imposição, não é verdade? Ora o que ocorre, desde já, é que está a falar-se em algo de muito grave para a dignidade do artista e, sobretudo — visto que consciência dessa dignidade nem todos a têm e alguns tiram mesmo desse facto muito bom proveito... — para a própria existência da arte. Quero dizer: com o exercício de qualquer aberta ou velada coacção sobre os artistas não há, não pode haver, arte autêntica, arte digna desse nome.

~~Evidentemente que nem todas as pessoas podem concordar com a tese: ou porque não tenham a mínima compreensão para o que significa o fenómeno artístico, para o que se passa ali, no próprio instante em que a obra se gera; ou porque, com ela, sintam ameaçados os seus particulares, e nem sempre legítimos, interesses; ou porque, enfim, da realidade artística não tenham em conta se não a sua maior ou menor ime-~~

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO

COM
CORTE:

Provas remetidas à Censura

em... 1/7.163

Prova n.º 146

Saída em 28/6/63



SERVIÇOS DE CENSURA
 AUTORIZADO
 COM...

~~diata utilidade para posição dogmática em que se colocam. Nalguns casos, quando os domina a volúpia de se apreciarem «duros» — como se a dureza não fosse o modo mais cómodo de cada um se descartar da dificuldade de ser-se integralmente, sem subterfúgios, fiel ao homem e à sua humanidade! — irão ao ponto, fazendo mau uso de prestigiosos conceitos, de argumentar com o terror moral e intelectual. Quando assim é e, acima de tudo, quando assim é invocando as melhores intenções, estamos perante alguma coisa que seria grotesco se não tivesse muito de trágico. Mas a verdade aí está: nunca o verdadeiro artista abdicará da sua liberdade criadora, da espontaneidade na prospecção do real, da autenticidade no contribuir para a transformação desse real, de uma expressão genuína e livre. E afirmá-lo-á tanto mais, acentue-se, quanto mais fiel se sentir à humanidade a que pertence, quanto mais generoso e sincero for o seu humanismo, quanto mais consciente das alienações a fazer desaparecer. Nenhuma chantagem justificará a sua demissão. Nenhum dissabor poderá justificar-lhe o cepticismo. E tudo, ou quase tudo, lhe justificará a esperança.~~

3. Fazendo o possível por ultrapassar a alguma ambiguidade que a pergunta envolve — ou o problema da significação de certas palavras — julgo que estamos, de certo modo, perante um desdobramento da pergunta anterior. Possui interesse social a poesia que, sem limitação de temas, cante o homem? Mas com certeza. Direi mesmo: eis a poesia com mais interesse. A humanidade exige que o poeta repercuta toda a realidade: desde o mais íntimo do ser pessoal até às mais generosas aspirações colectivas. Reaccionários da cultura são todos aqueles que, reaccionários ou progressistas noutros planos, oponham ao artista qualquer restrição de ordem temática ou, o que dá no mesmo, lhe queiram impor quaisquer directrizes. Arte é incompatível com burocracia, fiscalização, mesquinhez, unilateralidade. É precisamente por essa incompatibilidade que a arte interessa ao homem, a cada homem, a todos os homens. É pela sua vocação de rebeldia, pelo seu inconformismo perante a cristalização e o desumano — seja sob que forma esse desumano se apresente — que a humanidade a admira, vê nela um apoio, precisa dela. É só na medida em que a arte, no seu modo particular de detectar e exprimir o real, é capaz de nada omitir desse real, de nunca pactuar com a mentira, com o silêncio, com a injustiça, que ela pode ter verdadeira validade humanística. Tudo o que assim não seja é moeda falsa, mistificação. E não há confusio-nismo verbal, abuso de autoridade ou demagogismo que salve ou esconda essa realidade.

Devem estar abertos à expressão artística todos os problemas reais dos homens reais, todos os acordos que a existência revele, toda a dor e revolta e alegria e amor e angústia que se descubra. Só a compreensão do humano, em todas as suas dimensões, pode afirmar o homem total. Só a afirmação de todos os seus conteúdos pode levar à sua efectiva libertação.